

Pamela Redmond Satran

younger

Tradução de
ANA PAULA COSTA

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

Capítulo 1

Por pouco não peguei a balsa.

Eu estava assustada. E ansiosa. E me sentia totalmente deslocada no meio daquela multidão de jovens que se dirigia à entrada da embarcação com destino a Nova York.

Não apenas Nova York, mas Nova York na noite de Ano-Novo. Apenas pensar nisso já fazia minhas mãos suarem e meus pés formigarem, da mesma forma como aconteceu quando subi até o último andar do Empire State e tentei olhar para baixo. Nas inesquecíveis palavras da minha filha Diana, aquilo fez meu pintinho doer.

Eu teria dado meia-volta e dirigido de volta para a segurança da minha casa no subúrbio — *de qualquer forma, eu veria a Bola caindo melhor pela TV!* — mas não podia deixar Maggie esperando por mim no congelante píer em Manhattan. Maggie, minha mais antiga e ainda melhor amiga, não gostava de telefones celulares. Também não era muito fã de computadores, carros, nem em ficar em Nova Jersey na noite de Ano-Novo, ou melhor, ficar em Nova Jersey em qualquer situação. Maggie, que, aos 16 anos, contou para os pais ultracatólicos que era lésbica e que ganhava a vida como artista, nunca foi de fazer as coisas da maneira

mais fácil. Por isso eu não tinha como cancelar o encontro, e não me restava outra alternativa a não ser continuar marchando em direção ao inferno que se anunciava.

Pelo menos eu era a primeira na fila da próxima balsa. Fazia muito frio aquela noite, mas me mantive firme na intenção de garantir o primeiro lugar, segurando na cancela para não deixar ninguém passar na minha frente. Eu sabia bem que aquela garotada do subúrbio, andando de um lado para o outro nas docas comigo, tinha se graduado em furar fila no jardim de infância.

E então algo estranho aconteceu. Quanto mais eu ficava lá, guardando meu lugar, mais eu começava a querer ir para a cidade — não só por Maggie, mas por mim também. Olhando além das águas escuras para as luzes de Manhattan brilhando ao longe, comecei a pensar que Maggie estava certa, e que ir a Manhattan na noite de Ano-Novo era exatamente do que eu precisava. Você precisa de um agito, dizia ela. Faça algo que você nunca tenha feito. Agir da maneira que eu sempre agi — a mais cautelosa e teoricamente mais segura — não foi o que me colocou na confusão que estou agora? Sim, e ninguém queria que aquilo mudasse mais do que eu.

Quando eles abriram o portão para a balsa, saí correndo. Estava determinada a ser a primeira a subir as escadas, a chegar antes de todos no lugar na frente do deque externo, de onde eu veria Nova York crescer à minha frente. Podia ouvir todos eles nos meus calcanhares enquanto corria, mas fui a primeira a cruzar a porta e chegar na frente da embarcação, agarrando e segurando a barra de metal com

força enquanto recuperava a respiração. A engrenagem da balsa soou, o cheiro de diesel encobriu a salinidade do porto, mas eu continuava a sugar o ar profundamente para dentro dos meus pulmões ao nos afastarmos das docas. Aqui estou, pensei. Viva e seguindo em frente, em uma noite na qual tudo pode acontecer.

Foi só então que percebi que eu era a única pessoa do lado de fora. Todos os outros estavam apertados na cabine envidraçada, a respiração coletiva embaçando as janelas. Aparentemente, fui a única a não temer um pouco de frio, um pouco de vento e um pouco de respingos gelados — ok, na verdade, *um monte* de respingos gelados — enquanto a embarcação balançava como um touro mecânico pelas ondas. Valeu a pena, levando em consideração que eu não fui lançada nas águas escuras, pela incrível vista verde brilhante da Estátua da Liberdade e dos arranha-céus cintilantes à frente.

Enquanto eu segurava a grade com ainda mais força, me parabenizando pela impressionante bravura, a embarcação foi parando e pareceu perder a força no meio do porto, o motor ficando em ponto morto. Quando comecei a me perguntar se estávamos prestes a afundar ou a seguir em direção ao mar aberto sob comando de um capitão desertor fugindo da lei, a embarcação voltou a navegar. Navegar e dar a volta. Estávamos voltando para Nova Jersey? Talvez o capitão e eu partilhássemos dos mesmos receios sobre a noite do Ano-Novo em Manhattan.

Mas não. Assim que o barco deu a volta, começou a se mover em direção à cidade novamente. Eu não tinha mais a

espetacular vista de Manhattan, e sim a do grande relógio e do porto destruído de Hoboken e a sombria Nova Jersey ao fundo. Frustrada, olhei para trás, para a cabine brilhante e minúscula, que agora tinha uma vista melhor de Nova York, mas estava tão cheia que seria impossível me enfiar ali. Eu estava presa no frio olhando para Nova Jersey, sozinha. A história da minha vida.

Meia hora depois, eu andava pelas ruas do Soho de braços dados com Maggie, amaldiçoando a vaidade que me fez calçar sapatos de salto alto e fantasiando roubar de Maggie suas botas verdes com cadarço, aparentemente confortáveis. Maggie caminhava com passos decididos ao meu lado, vestindo calças jeans com corte para botas, um casaco acolchoado tão grande quanto um saco de dormir, um gorro com estampa de leopardo, com a proteção de ouvidos para baixo, e um laço de veludo amarrado embaixo do queixo.

— Já estamos chegando? — perguntei, os sapatos apertando meus dedinhos.

— Por aqui — disse ela, me puxando com força para longe da multidão que andava pela calçada da West Broadway e me levando para uma rua próxima vazia e escura. — Vai ser mais rápido por aqui.

Parei, olhando alarmada para a rua deserta.

— Vamos ser estupradas.

— Sem essa de gatinho assustado — riu Maggie, me empurrando para a frente.

Era fácil para ela dizer aquilo. Maggie tinha se mudado para o Lower East Side quando tinha 18 anos, época em

que o restaurante judeu Ratner's ainda servia blintzes e viciados em crack acampavam na escada do prédio dela. Agora que Maggie era dona do prédio, todo o andar superior fora convertido em um estúdio onde ela morava e trabalhava em suas esculturas; mulheres gigantes em poses de salto e rodopio, moldadas com arame e tule. Todos aqueles anos vivendo em Nova York por conta própria tinham deixado Maggie mais dura; eu, por outro lado, ainda era a delicada mãe do subúrbio, protegida pelo dinheiro do meu marido, ou, deveria dizer, o ex-dinheiro do prestes-a-se-tornar-meu-ex-marido.

Meu coração martelava em meus ouvidos enquanto Maggie me arrastava pela rua escura, diminuindo um pouco o ritmo apenas quando me concentrei no único feixe de luz do quarteirão todo, que, por alguma estranha razão, era rosa. Quando chegamos em frente à fachada de onde a luz emanava, entendemos o motivo: na vitrine havia um letreiro de néon cor-de-rosa no qual se lia "Madame Aurora". O brilho se intensificava ainda mais com a cortina de contas de vidro cor-de-rosa e laranja que cobria a vitrine, filtrando a luz que vinha do interior da loja. Por detrás das contas, conseguíamos ver apenas uma mulher, que só poderia ser a própria Madame Aurora, com um turbante dourado torto cobrindo o cabelo grisalho, a fumaça do cigarro que pendia em seus lábios formando círculos no ar. De repente, ela nos encarou e acenou para que entrássemos. Um cartaz escrito à mão colado na vitrine dizia "Desejos de Ano-Novo, \$25".

— Vamos entrar — disse para Maggie. Sempre fui suscetível a qualquer coisa que tivesse a ver com desejos e

previsão do futuro, e a combinação dos dois era irresistível. Além disso, queria escapar do frio e descansar meus pés, mesmo que por alguns minutos.

Maggie fez sua cara de “Você só pode estar completamente maluca”.

— Vamos — repeti. — Vai ser divertido.

— Saborear um jantar fabuloso é divertido — contrapôs Maggie. — Beijar alguém que você está a fim é divertido. Gastar uma fortuna com um adivinho de mentira *não* é.

— Ah, vamos — falei com uma voz bajuladora, do mesmo jeito que faço quando ligo para ela para ler uma previsão de horóscopo particularmente boa, ou para sugerir que ela vá comigo fazer pedido a uma estrela. — Você que disse que eu deveria começar a me arriscar mais.

Maggie hesitou apenas tempo suficiente para que eu tomasse coragem de passar na sua frente e abrisse a porta da Madame Aurora, sem dar a ela nenhuma opção a não ser me seguir.

Estava quente dentro da sala, e enfumaçado. Balancei as mãos na frente de meu rosto em uma tentativa de demonstrar a Madame Aurora meu desconforto, mas aparentemente isso apenas a provocou, fazendo com que desse uma profunda tragada em seu cigarro e soprasse uma pequena nuvem de fumaça bem na direção do meu rosto.

Receosa, olhei para Maggie, que apenas deu de ombros e se recusou a me encarar. Tinha sido eu a nos meter ali; não seria ela a nos tirar.

— Então, querida — disse Madame, finalmente afastando o cigarro de sua boca. — Qual é o seu desejo?

Qual era o meu *desejo*? Não estava esperando que ela jogasse a grande pergunta assim de primeira. Imaginei que teríamos algumas preliminares, que ela passasse alguns minutos lendo minhas mãos, embaralhando as cartas de tarô, esse tipo de coisa.

— Bem — falei, tentando ganhar tempo. — Só tenho direito a um?

Madame Aurora encolheu os ombros.

— Você pode pedir quantos quiser, por 25 dólares cada.

E não era honesto, como todo mundo sabe, ter mais desejos.

De novo, tentei encontrar os olhos de Maggie. Mais uma vez, ela foi teimosa e desviou o olhar. Fechei os olhos e tentei me concentrar.

O que eu mais queria na vida, mais do que qualquer outra coisa? Que minha filha Diana voltasse da África? Claro que eu queria aquilo, mas já estava programado que ela voltaria para casa naquele mês, então parecia um desperdício de desejo.

Arrumar um emprego? Claro. Estava tão determinada a me sustentar sozinha quando meu marido me deixou que só negocieei a propriedade de nossa casa em troca de uma pensão a longo prazo. Depois, passei meio ano me humilhando em entrevistas em editoras. Nenhuma delas, aparentemente, queria contratar uma mulher de 44 anos que tinha passado precisamente quatro meses trabalhando antes de se tornar mãe em tempo integral. Tentei argumentar que dediquei os últimos vinte anos lendo tudo o que me caísse nas mãos, e que sabia melhor do que ninguém o que as mulheres de classe média do subúrbio — mulheres

exatamente como eu, que eram o principal mercado comprador de romances — gostavam de ler.

Mas ninguém parecia se importar com minha experiência nas trincheiras da leitura. Tudo que pareciam ver era uma dona de casa de meia-idade com um velho diploma em Língua Inglesa e um currículo engordado com “trabalhos” como coorganizadora da feira do livro da escola de ensino fundamental da filha. Eu não estava qualificada para um cargo de editor, e embora sempre tivesse dito que não teria problemas em começar como assistente, nunca fui considerada para trabalhos de iniciantes. Jamais falaram isso, mas eles achavam que eu era velha demais.

— Eu queria ser mais jovem — disse.

Pelas expressões no rosto de Madame Aurora e Maggie, eu devo ter falado aquilo alto.

A Madame começou a rir.

— Por que você quer ser mais jovem? — perguntou ela.

— Toda aquela preocupação de com quem deve se casar, o que fazer da vida. Isso é para as novinhas!

Maggie a interrompeu.

— O que você está dizendo? Que quer voltar para toda aquela incerteza? Agora que você finalmente tem a chance de ter sua vida de volta?

Não dava para acreditar que elas estavam se unindo contra mim.

— É que se eu fosse mais jovem poderia fazer algumas coisas de uma forma um pouco diferente — tentei explicar. — Pense no que eu mais quero, levar minha carreira mais a sério...

Mas Maggie já estava balançando a cabeça.

— Você é quem você é, Alice — afirmou ela. — Conheço você desde que temos 6 anos, e, mesmo naquela época, você sempre colocava as outras pessoas em primeiro lugar. Antes de sair para brincar, você tinha que se certificar de que todos os seus bichinhos de pelúcia estavam confortáveis. Quando estávamos no primeiro ano do ensino médio, e todo mundo só tinha tempo para tentar parecer descolado, foi você quem se voluntariou para empurrar a cadeira de rodas daquela menina deficiente por todo lado. E assim que você teve Diana, ela era, acima de todas as outras coisas, o que mais importava para você.

Eu tinha que admitir, ela estava certa. Posso ter deixado meu trabalho na Gentility Press porque precisei, quando tive um sangramento e quase perdi o bebê. Mas depois que Diana nasceu, fiquei em casa porque eu quis. E, conforme ela ia crescendo, dizia para mim mesma que não podia voltar a trabalhar porque aquele era o ano em que eu engravidaria novamente, mas a verdade é que a própria Diana era todo o foco que eu precisava na minha vida.

Então agora eu queria desfazer aquilo? Agora eu desejava voltar no tempo e colocar a minha filha em uma creche, me tornar uma mãe que trabalha, ou mesmo não ter tido Diana?

Esse simples pensamento foi o suficiente para fazer minha espinha ficar arrepiada, como se apenas um lampejo daquela ideia pudesse amaldiçoar minha filha, minha maternidade, a coisa mais importante na minha vida. Jamais poderia desejar que ela não existisse, ou que qualquer um dos momentos que passei com ela desaparecesse.

Mas ainda assim, e eu? Ter dedicado todos aqueles momentos à minha filha me desqualificava de reivindicar uma vida para mim mesma para sempre? O verdadeiro motivo para ter desejado ser diferente no passado era que assim eu poderia ser diferente agora: mais durona, mais ousada, capaz de pegar o mundo pelo pescoço e curvá-lo de acordo com minha vontade.

— Então o que vai ser? — perguntou Madame Aurora.

— Quero ser mais corajosa — pedi. — E se der para fazer algo com a minha celulite também...

Maggie revirou os olhos e ficou de pé.

— Isso é ridículo — comentou, pegando o meu braço.

— Anda, Alice. Vamos sair daqui.

— Mas eu não ganhei meu desejo — reclamei.

— E eu não ganhei meu dinheiro — disse Madame Aurora.

— Que pena — exclamou Maggie. — Vamos sair daqui.

Agora Maggie estava andando realmente rápido. Tentei pedir que diminuísse o ritmo, mas, em vez de me ouvir, ela continuou seguindo em frente, esperando que eu a acompanhasse. Por fim, parei totalmente onde estava e, então, ela teve de voltar e falar comigo.

— Maggie, me dá suas botas — falei.

Ela me olhou confusa.

— Se você espera que eu ande tanto e tão rápido, vai ter que trocar de sapato comigo.

Maggie olhou para os meus pés e soltou uma gargalhada.

— Você precisa de mais ajuda do que eu imaginava — comentou.

— Do que você está falando?

— Você vai ver.

Ela já estava desamarrando as botas verdes.

— Aonde nós vamos?

Sempre confiei em Maggie como minha guia em Nova York, seguindo-a sem fazer perguntas, como uma garotinha, onde quer que ela quisesse me levar. Hoje à noite, por exemplo, achei que ela tinha dito que iríamos a um novo restaurante badalado. Mas agora, enquanto calçava suas botas, e parei para olhar em volta, para os prédios baixos de tijolos e para a vizinhança definitivamente não tão badalada assim, eu comecei a duvidar do que tinha prometido.

— Estamos indo para a minha casa — disse ela.

— Por quê?

— Você vai ver.

Mesmo usando sapatos de salto, ela andava mais rápido que eu, mas pelo menos meus pés não doíam mais. E assim que passamos para a terra de ninguém que separava Little Italy da vizinhança de Maggie, comecei a relaxar. Os quarteirões em torno de seu prédio costumavam ser assustadores, mas melhoraram consideravelmente nos últimos anos. Naquela noite, as ruas estavam repletas de pessoas, e todos os restaurantes badalados e bares estavam lotados. Todos os lugares pareciam bons para mim — estava faminta, percebi — mas Maggie não seria dissuadida.

— Vamos depois — disse ela.

— Depois do *quê*?

Ela deu um sorriso enigmático e repetiu a frase que estava se tornando seu mantra:

— Você vai ver.

Eram cinco lances de escada até o loft de Maggie. Eu costumava achar assustador, mas agora era moleza, graças às muitas horas que passei no aparelho de transfer no ano passado. Dediquei minha vida inteira à arte de curtir a preguiça no sofá, mas comecei a me exercitar nesse terrível último ano, pois foi a única coisa que passou pela minha cabeça que certamente faria com que me sentisse bem. E depois de uma vida inteira fazendo dieta, descobri que os quilos desapareciam sem que eu fizesse absolutamente nada — nada além de malhar por uma ou duas horas por dia. Umas duas vezes, eu até senti a tal onda que você supostamente sente quando malha, embora eu continue preferindo um cosmopolitan.

Para quem vinha do subúrbio, onde ter móveis da rede Pottery Barn era considerado o máximo da decoração de sala de estar, o loft de Maggie era sempre um choque. Era basicamente uma única sala gigantesca que ocupava todo o andar superior do prédio, com janelas nos quatro lados e uma tenda de seda vermelha brilhante montada no meio dos mil metros de espaço livre — o armário. As únicas peças de mobília eram uma enorme cama com cabeceira de ferro, também vermelho vivo, e uma exagerada chaise de veludo roxo que fornecia o único lugar para se sentar, a menos que se considerasse o chão de madeira cheio de manchas de tinta. Eu não considerava.

— Ok — disse Maggie, assim que deu três voltas na fechadura da porta depois que entramos. — Me deixe dar uma olhada em você.

Mas eu estava distraída demais pelo que havia mudado no loft dela para permanecer imóvel. Suas esculturas, todas as mulheres de tela de arame de quase 3 metros de altura, com seus seios tamanho extra extra extra extra grande e suas saias de balé tão cheias e cintilantes quanto uma cerejeira florida, tinham sido empurradas para um canto, onde se misturavam como detentos em um tipo de prisão para obras de arte. Agora um bloco de concreto tão grande quanto uma geladeira ocupava o centro da área de trabalho de Maggie.

— O que é isso? — perguntei.

— Algo novo que estou testando em meu trabalho — respondeu ela jovialmente. — Vamos, tire o casaco. Quero ver o que está vestindo.

Agora eu podia finalmente prestar atenção. Maggie querendo examinar minhas roupas nunca era um bom sinal. Desde quando passamos a nos vestir sozinhas, ela sempre tentou fazer uma transformação em mim, e eu sempre resisti. Não me entenda mal, eu acho que Maggie tem um estilo fantástico, mas fantástico para ela, não para mim. Seu cabelo ficou branco quando ela ainda tinha 20 e poucos anos, e a cada ano parece ficar mais curto e bagunçado, preso em tufos por toda a sua cabeça. Conforme o cabelo fica mais masculinizado, seus brincos tornam-se mais femininos, ornados e numerosos. A atração desta noite eram brincos chandelier de pedras verdes. Maggie, cujo corpo ainda era tão esbelto e flexível como o de uma adolescente, também devia ter a alma de uma mulher francesa. Minha amiga tinha talento para juntar uma bizarra pilha de

roupas — hoje era um jeans desbotado que ela tinha desde a escola com uma blusa antiga de seda creme com detalhes de renda e um longo cachecol de veludo verde-acinzentado em volta do pescoço — que sempre conseguiam parecer invejavelmente perfeitas.

Ela deu uma volta em torno de mim, esfregando o queixo e balançando a cabeça. Finalmente, ela se aproximou e segurou o suéter bege que eu estava vestindo, que ficava grande em mim.

— Onde você arranjou isso? — perguntou ela.

— Era do Gary — admiti. Uma das muitas peças de roupa que ele deixou para trás quando me trocou, exatamente há um ano, por sua higienista dental. Roupas que eu continuei usando porque, durante muito tempo, achei que ele fosse voltar. E continuei guardando porque, ao menos pelos meses seguintes, ele ainda estava pagando a hipoteca da casa onde suas roupas e eu vivíamos.

— É um trapo — disse Maggie. — E essa saia?

Eu estava realmente satisfeita com a escolha da saia. Bege como o suéter, ela era ajustada nos quadris e ia até acima do joelho, bem mais sensual do que as calças de brim e de moletom que usei nas últimas duas décadas.

— É da Diana — revelei com orgulho. — Não acredito que serviu em mim.

— Óbvio que serve em você — exclamou Maggie. — Você parece um esqueleto. Vem aqui.

Ela me girou e tentou me empurrar para a frente.

— Onde está me levando?

— Quero que olhe para você mesma.

Ela me empurrou até o outro lado do loft até que ficassemos paradas em frente a um espelho oval com uma moldura dourada em arabescos, igual ao que a Madrasta Má tinha em *Branca de Neve*.

— Espelho, espelho meu — disse eu, rindo, tentando fazer com que Maggie entrasse na brincadeira. Mas ela apenas me olhou com a expressão impassível por detrás de meu ombro, recusando-se até a dar um leve sorriso.

— Isso é sério — disse ela, olhando para o espelho. — Quero que me fale o que está vendo.

Fazia muito tempo desde que olhara em um espelho com algum entusiasmo. Algumas vezes, principalmente quando Diana era pequena, ficava dias sem dar ao menos uma olhada no meu reflexo. E então, ao longo dos anos, conforme eu engordava, meu cabelo começava a ficar grisalho e as linhas de expressão começavam a aparecer em torno dos meus olhos, descobri que me sentia mais feliz se simplesmente não olhasse no espelho. Nos olhos da minha mente, eu seria para sempre uma mulher adulta com idade neutra — 30 e poucos anos — com peso neutro mas feminino — em torno dos 60 quilos — e me pareceria aceitável não ser estonteante nem sexy ou não chamar atenção. Sempre ficava perplexa quando vislumbrava meu reflexo em uma vitrine ou na porta de um carro e era obrigada a ver que eu estava consideravelmente mais velha e mais gorda do que eu pesava.

Mas agora, forçada a confrontar a minha imagem, e realmente vê-la pela primeira vez no ano em que minha vida virou de cabeça para baixo, tive a reação oposta. Ergui o queixo e virei a cabeça para o lado; sem pensar, fiquei ereta e sorri.

— Isso mesmo — encorajou Maggie. Ela pegou a parte de trás do meu gigantesco suéter, puxando o tecido de forma que ficasse ajustado em meu novo corpo sarado. — O que você vê?

— Eu vejo... — falei, tentando pensar em como dizer isso. Era eu ali, me encarando no espelho, mas era algum tipo de versão minha antes da filha, antes do marido, antes de todos aqueles anos que embaçaram minha visão. — ... a mim mesma — disse finalmente, sem muita convicção.

— Sim! — gritou Maggie. — É você. É a Alice que eu conheci e amei todos esses anos, que estava enterrada sob uma camada de gordura e infelicidade.

— Eu não era infeliz — falei com reprovação.

— Tá bom — disse Maggie. — Como você poderia não ser infeliz? Seu marido nunca estava por perto, sua filha estava crescendo e estava prestes a sair de casa, sua mãe estava definhando, você não tinha nada para fazer...

Fiquei magoada.

— Eu tinha que cuidar da casa — justifiquei. — Tinha que cuidar da minha mãe. E o fato de Diana ser teoricamente uma adulta e estar na faculdade não significava que ela não precisava mais de mim.

— Eu sei — suavizou Maggie. — Eu não quero desmerecer tudo o que você fez. O que eu estou tentando fazer você enxergar é como parece mais leve agora. Como parece mais jovem.

— Mais jovem? — repeti, me concentrando novamente em meu reflexo.

— Parte é o peso — avaliou Maggie de forma meditativa, encarando minha imagem no espelho —, mas tem mais

alguma coisa, um peso que parece ter sido tirado de você. Além disso, você sempre pareceu ser bem mais nova do que realmente era. Lembra quando estávamos no último ano do ensino médio e você era a única que ainda conseguia entrar no cinema pagando meia? E mesmo quando você tinha 30 e poucos, bem depois de ter tido a Diana, e continuavam pedindo sua identidade nos bares?

— Não creio que vão pedir minha identidade agora.

— Talvez não, mas você pode parecer muito mais jovem do que é. Muito mais jovem do que quer.

— Como assim?

— Se a gente pintar o seu cabelo, aplicar um pouco de maquiagem, escolher roupas que se ajustem a você, pelo amor de Deus, você poderia parecer ter 20 e poucos anos — explodiu Maggie. — Por isso tirei você daquele salão de vodu! Só nós mesmas temos o poder de transformar nossos sonhos em realidade.

Sorri maliciosamente para Maggie. Normalmente, ela era sempre a primeira a rebater o que chamava de “babaquice de poder-do-pensamento-positivo”. Eu era a que fazia pedidos para estrelas e velas de aniversário, como a Cinderela no filme da Disney que assisti pelo menos umas duzentas vezes com Diana aninhada ao meu lado, “se você sonhar com algo mais de uma vez, com certeza vai se tornar realidade”. Mas agora, em vez de sorrir de volta, Maggie apenas me encarou com um olhar de absoluta convicção.

— Então você acha — falei finalmente — que eu tenho o poder de rejuvenescer apenas desejando ficar mais jovem?

— Não *apenas* desejando — respondeu ela. — Vamos precisar da ajuda de uma tintura para cabelo. Vamos começar.

Já fazia um tempo que eu estava sentada na chaise roxa, mastigando ruidosamente uma fatia de pizza fria que seria o meu jantar, com um saco de lixo amarrado em cima de uma gororoba química em meu cabelo, quando Maggie me falou sobre seu sonho. Ela queria ter um bebê.

— Você está brincando — exclamei, tentando não ficar boquiaberta.

Ela pareceu insultada. Tão insultada que ficou claro que aquilo podia ser qualquer coisa menos uma piada. É só que conheço Maggie desde sempre, e ela nunca demonstrou o menor interesse em crianças ou em ser mãe. Enquanto eu embalava minhas bonecas e colocava meus bichinhos de pelúcia para dormir, Maggie estava agachada no chão, tentando uma nova técnica de pintar com os dedos. Enquanto eu zelosamente trabalhava como baby-sitter para ganhar um dinheiro extra, Maggie cortava grama, ajudava pessoas a limpar seus sótãos — qualquer coisa para fugir do trabalho de ajudar a cuidar de seus sete irmãos e irmãs mais novos. Ela sempre dizia que tinha trocado fraldas suficientes para o resto da vida.

E aqui estava ela, com 44 anos, mudando de ideia do nada.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Não aconteceu nada. Acho que finalmente percebi que fui uma garota por tempo demais. Estou pronta para crescer e ser mãe agora.

— Mas um bebê... — falei.

Morando no subúrbio, eu estava cercada de mães e bebês o tempo todo — as crianças na casa atrás da minha berravam dia e noite; as jovens mães no supermercado lutando para manter seus filhos pequenos, que não paravam de se contorcer, no carrinho de compras. Depois de todos aqueles anos desejando e sonhando ter outro filho, olhando mulheres grávidas e mães com bebês com certa inveja, finalmente passei para outro estágio no qual achava que bebês, assim como filhotes de tigres ou ursos, eram adoráveis, mas assustadores, mais bem apreciados à distância. Pelo vidro.

Eu me esforcei para encontrar uma maneira de transmitir meus receios para Maggie sem ser direta e falar que achava que ter um bebê com essa idade, depois de uma vida adulta inteira de independência, era a pior ideia que ela tinha desde que havia raspado a cabeça.

Peguei a mão de Maggie, áspera como a de um carpinteiro após anos retorcendo arame.

— Sabe — comecei, com a voz mais gentil que pude invocar —, um bebê dá muito trabalho, principalmente quando se é sozinha. Acordar no meio da noite, carregar o carrinho para cima e para baixo nas escadas, as fraldas, o choro...

— Eu cresci com tudo isso, lembra? — disse ela rispidamente, tirando sua mão da minha.

— Exatamente — confirmei. — Mas você ajudava a sua mãe naquela época; não ficava tudo em cima de você. Você mora numa vizinhança onde quase ninguém tem crianças, nenhum dos seus amigos tem filhos, sua vida não está de

forma alguma preparada para isso. E não é só ter o bebê: tem a busca pela creche, os pagamentos de mensalidade, adolescência. Quando a criança for para a faculdade, você já vai estar aposentada.

— Então é isso, não é? — indagou Maggie friamente. — Você acha que estou velha demais.

— Você está velha demais! — explodi. — Nós duas estamos velhas.

— Achei que você, entre todas as pessoas, seria a que entenderia minha vontade de ter um filho — disse Maggie, segurando as lágrimas —, depois do que você passou para ter Diana, depois de todos os anos tentando ter outro bebê.

Respirei fundo, lembrando o quão forte meu desejo tinha sido. Mas também lembrei que um bebê, apenas a tentativa de ter um bebê, pode tomar conta da sua vida completamente; que ser mãe pode ser exaustivo mesmo quando se é vinte anos mais jovem do que Maggie e eu somos agora.

— Eu entendo — falei para ela, tentando segurar sua mão novamente. — Mas às vezes você chega a um momento da vida no qual simplesmente tem que deixar alguma coisa para trás. Quando é simplesmente tarde demais.

Sabia que aquilo era cruel, como Diana diria. Mas eu e Maggie tínhamos jurado, quando estávamos no quarto ano, que sempre diríamos a Verdade Verdadeira uma para outra, mesmo quando soubéssemos que a outra não queria ouvi-la. Ela tinha me dito, quando me casei com Gary quatro meses após conhecê-lo na calçada do Palácio de Buckingham no dia do casamento da princesa Diana e do príncipe Charles, que eu era louca de me casar tão nova.

Quando fiquei grávida alguns meses depois, igual à princesa Diana de verdade, Maggie não fez questão de esconder o quanto estava horrorizada, principalmente quando fui obrigada a largar meu emprego.

Embora Maggie adore minha filha, sempre esteve distante, mandando exagerados vestidos de babado de Paris e levando-a, uma vez ao ano, a uma galeria de arte e a algum restaurante totalmente inadequado, no qual ela ficaria espantada se Diana engasgasse com uma enguia. E desde o dia em que levei Diana para casa do hospital, ela me perguntava quando eu voltaria a trabalhar.

Agora ela me encarava, com um olhar que eu conhecia bem. O olhar que fazia quando ia dizer algo que sabia que eu não ia gostar.

— Você quer dizer que está tarde para você voltar ao mercado editorial? — perguntou ela. — Que está tarde para você ter uma carreira?

Agora eu estava lutando para não chorar. E foi a vez de Maggie apertar meu braço.

— Eu realmente não acredito nisso — disse ela. — *Não* acho que está muito tarde para você. Esse é exatamente o meu ponto. Não somos uma dupla de velhas senhoras que devem recolher acampamento e mudar para um asilo. Ainda há muito tempo para nós duas. De verdade.

Maggie não deixou que eu me olhasse no espelho de novo até ela terminar. Lavou meu cabelo e o secou com secador, ficou horas me maquiando, afivelou-me em uma roupa de baixo bem exagerada, e me enfiou em jeans apertados. Era

como ser adolescente de novo, trocando roupas e fazendo mudanças uma na outra.

— Por que você tem todas essas coisas de mulherzinha? — perguntei.

— Sou lésbica — respondeu ela. — Não um homem. — Ela borrifou perfume no meu pescoço e me analisou. — Ok — disse, acenando com a cabeça afirmativamente. — Acho que você está pronta.

Mais uma vez, ela me empurrou pelo loft até o espelho.

Juro, eu não me reconheci quando olhei. Cheguei a girar para olhar atrás de mim, pensando que alguém pudesse ter entrado no apartamento quando eu não estava olhando.

Uma mulher loura. Sexy. E muito, muito jovem.

— Não acredito — exclamei, piscando com força.

— Daria 22 anos para você — gritou ela triunfante, abrindo um sorriso.

Eu não conseguia parar de olhar. Maggie realizara, em seu sentido mais essencial, meu desejo — meu desejo não apenas de ser mais jovem, mas de voltar no tempo e me reinventar como uma pessoa diferente. A mulher no espelho parecia comigo, de alguma forma, mas era uma versão diferente de mim que nunca existira na vida real. Quando eu realmente tinha 22 anos, estava terminando meus estudos sobre Jane Austen e as irmãs Brontës em Mount Holyoke, com meu cabelo preso em um rabo de cavalo, meu corpo enrolado em diversas camadas de roupas enormes de moletom e meus óculos grossos constantemente escorregando por meu nariz sem maquiagem. Quando eu tinha 24 anos, era mãe de uma criança pequena, ainda usava o rabo de

cavalo, os óculos e as roupas de moletom, exceto que elas eram ainda maiores e cheiravam ligeiramente a vômito. Aos 28, às vezes eu fazia o Grande Esforço e vestia leggings e um volumoso suéter para coordenar a venda de doces no jardim de infância.

Eu certamente nunca tinha tido essa aparência: em forma e loura, usando batom e expondo o colo, parecendo inteligente e um pouco safada.

— Quem é ela? — sussurrei.

Mas Maggie, que estava ocupada checando o relógio, não me ouviu.

— É quase meia-noite — disse ela. — Hora de levar a nova você para um teste.

Capítulo 2

O bar na esquina da casa de Maggie estava completamente lotado, com várias pessoas aglomeradas na calçada, mas a mulher alta e elegante, barrando todo mundo na porta, acenou para que Maggie e eu entrássemos.

— Ela tem uma quedinha por mim — gritou Maggie no meu ouvido.

— Espero que a minha presença não dê a impressão de que você está comprometida.

— Ela sabe que você é hétero.

Lancei um olhar irônico para Maggie.

— Como ela poderia saber isso?

— Ela é vidente — respondeu Maggie, com o rosto impassível. E então complementou. — Brincadeira, querida. Você poderia usar botas de motociclista e uma camiseta da Melissa Etheridge e ainda assim pareceria hétero. Tem a ver na verdade com a vibe.

Com destreza, Maggie começou a nos guiar em direção ao bar, esticando o pescoço para examinar o salão enquanto abríamos espaço para passar pelas pessoas.

— Quem você quer?

— Quem eu quero?

Devo ter soado mais alarmada do que estava, pois Maggie caiu na gargalhada.

— Beijar — gritou ela. — Está vendo alguém que você gostaria de beijar à meia-noite?

Passsei tanto tempo casada que não conseguia me lembrar de sequer cogitar essa pergunta. No último Ano-Novo, eu ainda estava com Gary, no jantar anual de réveillon na casa de nossos amigos Marty e Kathy e, como sempre, Gary foi a primeira pessoa com quem eu falei. Não fazia a menor ideia de que 12 horas depois ele me diria que queria o divórcio; nunca, em um trilhão de anos, imaginaria que na noite do Ano-Novo seguinte, eu estaria inspecionando a multidão em um restaurante em Manhattan em busca de um estranho para beijar.

E então eu o vi. Ele estava parado no bar, meio que ouvindo um ruivo magro falando no banco ao lado dele, porém mais focado em olhar ao redor do salão, um sorriso discreto nos lábios. Seu cabelo era longo e escuro, a pele, pálida. Parecia ter estatura média e peso normal, mas tinha ombros extraordinariamente largos. Largos o suficiente para se cavalgar. Seus olhos pareciam estar bailando, como se ele tivesse acabado de lembrar de uma piada muito boa e estivesse ansioso para contar a alguém.

E esse foi o momento em que ele se virou, como se eu tivesse berrado que ele poderia contar a piada para mim, e então olhou diretamente nos meus olhos. Seu rosto se abriu em um largo sorriso, não me dando outra opção a não ser sorrir de volta. Era como se fôssemos velhos amigos, ex-namorados que se separaram da forma mais amigável possível, reconhecendo um ao outro na multidão.

Então o ruivo disse algo de forma mais insistente, e meu alvo desviou o olhar.

— Eu beijaria ele — revelei a Maggie.

— Quem?

— No bar — falei. — Perto do ruivo. Aquele com o cabelo moderno.

Ele me olhou novamente e Maggie começou a me cutucar para ir para a frente. Daí, ao mesmo tempo, alguém gritou e duas televisões instaladas acima do bar foram ligadas. Era a Bola da Times Square, com um relógio na tela mostrando os minutos que faltavam para o novo ano: pouco menos de cinco.

— Perfeito — gritou Maggie no meu ouvido enquanto me impelia para a frente junto com ela. — Ele é um bebê! Parei.

— O que você quer dizer com isso? — Agora estava tentando observá-lo sem que ele me visse. Eu não o tinha exatamente categorizado como um homem de meia-idade, mas também não parecia um universitário.

— Com certeza tem uns 20 e poucos anos — sentenciou Maggie, me cutucando nas costas.

— Eu diria 30 e poucos. — Olhei com reprovação.

— Sem chance. Anda. Temos que saber se você passou no teste.

Ir em frente? Ou correr gritando para o lado de fora? Maggie tomou a decisão por mim ao me dar um empurrão, praticamente em cima dos braços do Sr. Olhos Bailantes.

— Ah — falei, meu seio esmagado na camisa engomada de algodão dele, o aroma de sabonete em seu pescoço enchendo minhas narinas. — Desculpe. Minha amiga...

— Tudo bem — disse ele. — Estava aqui imaginando se eu seria capaz de chegar perto o bastante para falar com você. Você parece tão familiar. A gente se conhece de algum lugar?

A não ser que você tenha frequentado a academia Lady Fitness perto da minha casa em Nova Jersey, quis dizer. Ou participado de encontros no Homewood Garden Club.

Ou seja, seria impossível ele me conhecer de algum lugar, pois eu nunca *estive* em lugar algum — ao menos o eu que estava diante dele.

— Dez — começou a entoar a multidão. — Nove, oito...

— Ah, não — exclamei.

— Não? — Ele pareceu surpreso.

— É que...

Eu podia sentir Maggie alguns centímetros atrás de mim, esperando nosso beijo, como um cafetão com um pagamento de carro atrasado. E eu queria beijá-lo, mas estava com medo.

— Cinco, quatro...

Com medo de beijar alguém novo, quero dizer beijar alguém *realmente* novo, pela primeira vez em 23 anos. Com medo de não lembrar como se faz. Com medo porque agora que eu estava tão perto, era óbvio que esse cara provavelmente era uma criancinha quando fiz isso pela última vez. Com medo de eu não me importar.